

## Viagens de Recreio: as excursões em Pelotas no século XIX<sup>1</sup>

Dalila Müller<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pelotas

Dalila Rosa Hallal<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Pelotas

### Resumo

No século XIX os pelotenses começaram a buscar novos espaços de sociabilidade, além dos contornos da cidade. Essa nova busca foi facilitada pela estrada de ferro implantada no início da década de 1880, o que possibilitou as “viagens de recreio” de Pelotas para as cidades próximas e para os espaços rurais que ofereciam, como principal atrativo, a natureza. Pelotas também começou a receber visitantes dessas cidades, que vinham atraídos pelos mais diversos eventos. Este trabalho tem por objetivo identificar de que forma os habitantes das cidades de Pelotas e região utilizavam a viagem como uma forma de sociabilidade, ou seja, como uma forma de socialização vinculada ao lúdico. As viagens de recreio se tornaram tão comuns que, em 1892, foi criado o “Club de Excursionistas”, com o objetivo de “promover passeios fora da cidade”.

**Palavras-Chave:** Pelotas; sociabilidade; viagem; excursão; século XIX.

As viagens vem sendo objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento e sob diferentes enfoques. Este artigo aborda, especificamente, as viagens realizadas no século XIX em Pelotas, identificadas como excursões ou viagens de recreio. Essas viagens se intensificam com a construção da estrada de ferro, na década de 1880, ligando as cidades de Rio Grande, Pelotas e Bagé.

Este trabalho tem por objetivo verificar de que forma as “viagens de recreio”, ou as “excursões” tornaram-se uma forma de sociabilidade comum entre os moradores da cidade de Pelotas e das cidades vizinhas. Para analisar as informações, priorizou-se os seguintes itens: tipo de transporte utilizado, principais locais visitados, motivações das viagens, serviços turísticos existentes no local visitado, bem como, recepção aos excursionistas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT 11 “Turismo e História” do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 27 e 28 de junho de 2008.

<sup>2</sup> Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas; Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul; doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS, ingresso em 2006. Professora Adjunta da Faculdade de Administração e de Turismo da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, desde 1998, atuando no Curso de Turismo. E-mail: [dmuller@ufpel.tche.br](mailto:dmuller@ufpel.tche.br).

<sup>3</sup> Graduada em Ciências Domésticas pela Universidade Federal de Pelotas; Especialista em Produção e Gestão do Turismo pela PUCRS; Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul; doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, ingresso em 2006. Professora Adjunta da Faculdade de Administração e de Turismo da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, desde 1997, atuando no Curso de Turismo. E-mail: [dhallal@ufpel.tche.br](mailto:dhallal@ufpel.tche.br).

As informações foram coletadas em jornais diários de Pelotas, os quais foram pesquisados de forma sistemática, levantando-se as informações dia a dia. Os jornais pesquisados foram: Correio Mercantil (começa a circular em 1875), Diário de Pelotas (começa a circular em 1876) e Diário Popular (começa a circular em 1890). Os jornais contavam com riqueza de detalhes a vida cotidiana dos moradores da cidade de Pelotas, incluindo os espaços e formas de sociabilidade, permitindo entender essa prática no contexto do século XIX.

“As sociabilidades” entraram no campo da pesquisa histórica acadêmica com a obra de Maurice Agulhon (1968 e 1977)<sup>4</sup>. Este autor considera que a sociabilidade moderna data do século XIX, sendo um fenômeno político ligado às idéias de civilização e de democracia, que eram próprias ao contexto da época.

Para Simmel a sociabilidade é uma forma autônoma e lúdica de sociação. Os interesses e necessidades específicas fazem com que os homens se unam em diferentes associações, as quais se caracterizariam pelo sentimento de estarem sociados e pela satisfação provocada por isto<sup>5</sup>. Neste trabalho será estudada uma forma de sociabilidade específica, ou seja, as viagens<sup>6</sup>.

A sociabilidade faz parte da história humana e deve ser apreciada de maneira diferenciada no tempo e no espaço<sup>7</sup>; neste trabalho, no espaço, trata-se da sociabilidade dos pelotenses; e no tempo é a sociabilidade no século XIX, principalmente, pós 1884, quando da inauguração da estrada de ferro e da estação ferroviária de Pelotas, o que facilitou as viagens de recreio entre as cidades interligadas pela mesma.

No século XIX a elite brasileira começa a se deslocar com maior frequência, tanto nas proximidades das cidades, quanto à outros estados, principalmente a capital, e países da Europa. Muitas vezes, esse fenômeno fez parte do processo de "europeização" das camadas socialmente mais elevadas, que se acentuou, principalmente, a partir da década de 1870 e também da construção de estradas de ferro interligando regiões<sup>8</sup>.

---

<sup>4</sup> AGULHON, Maurice. *Pénitents et franc-maçons de l'ancienne Provence*. Paris, Seuil, 1968. e AGULHON, Maurice. *Le cercle dans la France bourgeoise 1810-1848*. Cahier des Annales. Paris, Armand Colin, n. 36, 1977.

<sup>5</sup> SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou forma. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). *Georg Simmel*. (Tradução de Dinah de Abreu Azevedo). São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 34). p. 165-81.

<sup>6</sup> Catherine Pellissier trabalha com o lazer e a sociabilidade dos notáveis lionenses no século XIX, abordando a sociabilidade formal – as associações; e a informal, entre elas, as viagens e a vida no campo. PELLISSIER, Catherine. *Loisirs et sociabilités des notables au XIXe siècle*. Tome 1. Lyon: Éditions Lyonnaises D'Art et D'Histoire, Presses Universitaires de Lyon, 1996.

<sup>7</sup> AGULHON, Maurice. *Le Cercle dans la France bourgeoise 1810-1848: étude d'une mutation de sociabilité*. Paris: Librairie Armand Colin, 1977. (Cahier des Annales, n. 36).

<sup>8</sup> SOLHA, Karina Toledo. Evolução do Turismo no Brasil. In: REJOWSKI, Mirian (org.) *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002, p. 117 - 153.

Pelotas foi uma cidade que se destacou no século XIX e início do século XX, principalmente pela sua economia, cultura e lazer. Neste período, as charqueadas se constituíram na principal atividade econômica. Como a mão-de-obra das charqueadas era essencialmente escrava, a safra era curta, de novembro a abril/maio e pouco solicitava a presença dos patrões, os charqueadores gozavam de uma ociosidade. Essa ociosidade permitiu que se desenvolvessem atividades de lazer nas cidades, como as festas e espetáculos, os jogos, os saraus no interior das residências, atividades em espaços públicos, como na Praça Pedro II e nos parques, bem como viagens aos arredores da cidade, à capital da Província e do Império/República e à Europa.

Além dos charqueadores, havia em Pelotas muitos europeus que possuíam importantes estabelecimentos. Esses europeus “[...] pela influência do seu dinheiro e de sua cultura têm contribuído consideravelmente para que os habitantes tenham mais civilização e mais gosto pela vida social e mais trato amigável do que nas outras regiões.”<sup>9</sup>

Em Pelotas, os charqueadores, juntamente com os europeus residentes na cidade, passaram a cultivar uma incipiente vida social e cultural. Essa elite fez com que Pelotas se destacasse pela sua sofisticada cultura e estilo de vida, que a diferenciava das outras cidades gaúchas do interior; nesta sociedade se valorizavam as qualidades relacionadas com a nobreza e a ociosidade, como o cavalheirismo, a cultura e o desprendimento do dinheiro. Era uma sociedade em que havia a valorização de um ócio que permitisse aos cidadãos usufruírem os entretenimentos e bens culturais disponíveis.<sup>10</sup>

Cabe verificar qual o significado de excursão e de viagens de recreio no século XIX. Excursão significava uma jornada à pequena distância, um passeio aos arredores do local onde alguém reside<sup>11</sup>. Recrear significava aliviar do trabalho, divertir do enfado com prazer<sup>12</sup>. Então, as viagens de recreio ou excursões eram viagens de pequena distância, realizadas aos arredores das cidades e tinham por objetivo o descanso, o prazer, o divertimento.

Antes da construção da estrada de ferro as viagens de recreio eram realizadas por vapor e tinham por destino somente Rio Grande, em função da sua ligação por água. Dois

---

<sup>9</sup> SEIDLER, Carl. *Dez Anos de Brasil*. (Tradução de Bertoldo Klinger) 3.ed. São Paulo: Livraria Martins, 1976, p. 94.

<sup>10</sup> LONER, Beatriz Ana. *Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937*. Volume 1. 1999. 727 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 65.

<sup>11</sup> CASTELBRANCO, Basílio de. (Apresentador). *Diccionario Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881.

<sup>12</sup> SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Língua Portuguesa composto por Antonio de Moraes Silva*. Tomo III. 4.ed. Lisboa: Impressão Régia. Anno 1831.

vapores – Humaytá e Ozorio – começaram a realizar as viagens de recreio entre Pelotas e Rio Grande e vice-versa, no final da década de 1870. As excursões eram realizadas aos domingos e feriados e conduziam “para mais de 700 passageiros”.

As excursões de vapor tinham por objetivo visitar a cidade vizinha ou participar de determinados eventos, como uma regata em São José do Norte<sup>13</sup> ou das corridas no Prado Pelotense, em Pelotas<sup>14</sup>, ou seja, tinham uma motivação específica.

A organização das excursões envolvia a viagem em si e a recepção aos visitantes. No vapor, bandas de musica da cidade de partida acompanhavam os excursionistas: de Pelotas, partiam as sociedades musicais “União” e “Santa Cecília”<sup>15</sup>; de Rio Grande, a “música do 3º batalhão”<sup>16</sup> e a “Lyra Artística”<sup>17</sup>. Os vapores eram todos embandeirados. Para recepção aos visitantes as bandas de musica da cidade saudavam os mesmos, assim como uma multidão esperava para cumprimentá-los. Havia toda uma mobilização das cidades em função da chegada desses excursionistas, os visitantes e visitados interagiam desde a chegada dos vapores e compartilhavam do espaço público de forma lúdica, sendo um momento típico de sociabilidade.

O desembarque dos passageiros, bem como a aproximação dos vapores, foi saudada pelas bandas de musica d’esta cidade. O porto então offerecia um surpreendente aspecto. – Muitos carros de praça e particulares, 8 bonds em movimento, e uma grande multidão de povo que se trocava cumprimentos e saudações. Durante o tempo da demora dos vapores, 8 bonds, sempre replectos de passageiros, fizeram o trajecto da cidade ao porto, dando não pequenas vantagens á companhia. [Viagem de Rio Grande para Pelotas em novembro de 1878, domingo]<sup>18</sup>

O caé d’aquella cidade, á chegada dos vapores, offerecia um aspecto imponente. Mais de 2,000 pessoas ali se achavam apinhadas, grande parte dos navios surtos no porto todos embandeirados, e as sociedades musicas Lyra Artistica e Floresta Rio Grandense, saudavam com alegres hymnos a chegada dos visitantes. Feito o desembarque no meio das mais entusiasticas saudações, aquellas duas bandas de musica e as que d’aqui foram, a União e a Santa Cecilia, percorreram algumas ruas da cidade, seguidas de grande concurso de povo. [Viagem de Pelotas a Rio Grande em novembro de 1878, domingo]<sup>19</sup>

A maioria dos excursionistas voltava no mesmo dia, pois a excursão já estava previamente organizada, tanto no que se refere aos roteiros, quanto aos horários de ida e volta<sup>20</sup>, que geralmente eram 7½ da manhã e 3½ da tarde, respectivamente. Porém,

<sup>13</sup> Correio Mercantil, 25.12.1878, p. 03, n. 289.

<sup>14</sup> Correio Mercantil, 14.09.1879, p. 2, n. 211.

<sup>15</sup> Correio Mercantil, 19.11.1878, p. 01, n. 260.

<sup>16</sup> Correio Mercantil, 12.11.1878, p. 01, n. 254.

<sup>17</sup> Correio Mercantil, 14.09.1879, p. 2, n. 211.

<sup>18</sup> Correio Mercantil, 12.11.1878, p. 01, n. 254.

<sup>19</sup> Correio Mercantil, 19.11.1878, p. 01, n. 260.

<sup>20</sup> Diário de Pelotas, 08.04.1886, p. 1.

alguns viajantes permaneciam até o outro dia, voltando em outro vapor<sup>21</sup>. Isto pressupunha a existência de meios de hospedagem, seja em residências ou em hotéis.

Com a inauguração da estrada de ferro de Rio Grande a Bagé – Southern Brazilian Rio Grande do Sul, passando por Pelotas e Piratini, no início da década de 1880, as viagens de recreio a vapor começam a ser menos freqüentes, não sendo mais divulgadas nos jornais.

Para Barbosa uma das grandes invenções dos últimos tempos, a estrada de ferro, teria um papel muito importante na história das viagens, sendo o marco da criação de uma das mais importantes atividades da era moderna, o turismo. Na metade do século XIX, a construção de ferrovias diminuiu consideravelmente o tempo e os custos de viagem. Houve um considerável desenvolvimento econômico na tecnologia de transportes e de comunicações. A ferrovia e a travessia de distâncias tornaram possível para um grande número de pessoas fazer excursões à noite, nos fins de semana e mesmo excursões mais longas.<sup>22</sup>

As estradas de ferro foram o mais importante instrumento de transformação social no século XIX. Sua aparição revolucionou, incontestavelmente, o uso do tempo livre.<sup>23</sup>

Em Rio Grande a Estação Ferroviária foi inaugurada em 2 de dezembro de 1884<sup>24</sup> e em Pelotas em 24 de dezembro de 1884, facilitando o deslocamento e a comunicação entre as cidades, o que gerou uma nova forma de viajar e um fluxo maior de deslocamento, criando uma nova forma de sociabilidade ao longo do caminho do trem, pois no percurso se estabeleciam relações entre os excursionistas, sociedades musicais acompanhavam os viajantes no trem.

Da mesma forma que as viagens de vapor, as excursões por trem, eram realizadas principalmente aos domingos e feriados, sendo que algumas vezes se estendiam até a metade da semana.

PASSEIO Para Bagé parte hoje ás 8 horas e 35 minutos um trem de excursão afim de conduzir as pessoas que desejarem assistir ali as festas do Espírito Santo. As passagens tomadas para este trem, tem direito a volta até o dia 28.<sup>25</sup>

<sup>21</sup> Correio Mercantil, 12.11.1878, p. 01, n. 254.

<sup>22</sup> BARBOSA, Ycarim Melgaço. *História das Viagens e do Turismo*. São Paulo: Aleph, 2002, p. 50. (Coleção ABC do Turismo).

<sup>23</sup> FUGIER, 1991 citado por ENKE, Rebecca Guimarães. *Balneário Villa Sequeira*. A invenção de um novo lazer (1890 – 1905). 2005. 146 f. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, UNISINOS, São Leopoldo, p. 37.

<sup>24</sup> ENKE, op. cit.

<sup>25</sup> Diário de Pelotas, 25.12.1885, p. 2, n. 291.

No período da “estação calmosa” – outubro a março – as excursões se intensificavam e no inverno escasseavam, haja vista que se destinavam basicamente para os pontos de recreio no campo – que ofereciam sombra e arroios e no mar.

Diversas excursões continuavam se realizando entre os municípios de Pelotas e Rio Grande, no entanto, a estrada de ferro permitiu aos excursionistas novos destinos, relacionados com as estações ferroviárias, como: Capão do Leão, Piratini, Bagé, Cerro Chato, Passo das Pedras.

Esses destinos começaram a se organizar para receber esses excursionistas, oferecendo serviços e atividades de lazer, possibilitando espaços de sociabilidade, tanto públicos como privados.

Os destinos eram basicamente as cidades, o campo e o mar ligados pela estrada de ferro. Na cidade, os excursionistas iam motivados para a participação de festas, corridas de prado, regatas, quermesses.

*PASSEIO A BAGÉ* Como estava determinado, seguiu ante-hontem para Bagé um trem de excursão conduzindo 137 passageiros. [...] Hoje deve effectuar-se em Bagé, a festa do Espirito Santo.<sup>26</sup>

*Excursionistas* Às 2h e 20 da tarde de domingo, chegou a esta cidade o trem de excursão de Bagé, conduzindo os excursionistas para a Kermesse da Biblioteca d’esta cidade. [...]<sup>27</sup>

*Excursionistas* [...] vieram d’aquela localidade [Rio Grande] e estações intermediárias muitas pessoas, afim de assistirem as importantes corridas realizadas pelo Derby-Club.<sup>28</sup>

O final do século XVIII e todo o século XIX estará marcado pela nova motivação: o prazer do descanso e da contemplação das paisagens da natureza. Este tipo de turismo de contemplação da natureza terá cada vez mais adeptos como resultado da deterioração da qualidade de vida nos grandes centros urbano-industriais. Até o século XIX, a natureza era vista pelo homem como um desafio, algo selvagem que devia domesticar; depois da industrialização começa a ser vista como algo a ser preservado e desfrutado.<sup>29</sup> A partir do século XIX a insalubridade da cidade industrial provocará um movimento de busca de saúde, descanso e prazer junto á natureza, no campo, na montanha ou no mar.

---

<sup>26</sup> Diário de Pelotas, 27.12.1885, p. 2, n. 292.

<sup>27</sup> Correio Mercantil, 18.10.1887, p. 2.

<sup>28</sup> Diário Popular, 01.11.1892, p. 2.

<sup>29</sup> BARRETTO, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. 11 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

No campo, os excursionistas iam ao Bosque Benjamin no Capão do Leão, ao Recreio Campestre dos Excursionistas, em Piratini, ao Sanatório Passo das Pedras, em Passo das Pedras.

*BOSQUE BENJAMIN* Do Rio Grande vem um trem no domingo com convidados para a inauguração do Bosque Benjamin. [...].<sup>30</sup>

*RECREIO CAMPESTRE DOS EXCURSIONISTAS* No dia 1º abriu-se junto a Estação Piratiny, [...].<sup>31</sup>

*Ao SANATORIO Passo das Pedras* Domingo 25 do corrente Inauguração deste grande e esplêndido estabelecimento, situado na estação da estrada de ferro a 1 hora de Pelotas, [...].<sup>32</sup>

A procura pelo banho de mar desponta como uma busca pelo prazer, desfrutando momentos de lazer. Corbin<sup>33</sup> investiga o nascimento do desejo da beira-mar, culminando com a invenção das praias de varaneio. O autor revela as diversas visões do mar que se desdobram ao longo dos séculos XVIII e XIX. Inicialmente o mar é visto como perigoso, vinculado ao caótico, demoníaco, incompreensível; após, começa a ser visto como um local a ser contemplado; surge, após, a concepção medicinal do mar; no século XIX, os estabelecimentos de banhos representam novas possibilidades porque começam a oferecer infra-estrutura para receber e distrair a sociedade, surgindo as praias de veraneio.

Após a década de 1890, as excursões se dirigiam a Rio Grande principalmente em função do balneário. Criou-se uma nova forma de entretenimento e um fluxo de banhistas. A primeira temporada de funcionamento da estação de banhos foi inaugurada em 26 de janeiro de 1890 e, após muitos adiamentos, inaugurou-se a linha férrea para a costa da “Mangueira”.<sup>34</sup> Flores considera esta a primeira linha férrea especificamente turística no Estado.<sup>35</sup>

Após a inauguração da linha Rio Grande – Bagé, os proprietários da Companhia Carris Urbanos do Rio Grande, no ano de 1885, notaram que a prática do turismo cresceu na cidade com a implantação da ferrovia, e resolveram estender a linha até o oceano, com a construção de uma estação de banho, semelhantes aos balneários europeus.<sup>36</sup>

<sup>30</sup> Diário de Pelotas, 12.12.1885, p. 2, n. 280.

<sup>31</sup> Correio Mercantil, 05.10.1887, p. 3.

<sup>32</sup> Correio Mercantil, 23.11.1900, p. 4.

<sup>33</sup> CORBIN, Alain. *O Território do Vazio*. A praia e o imaginário ocidental. (Tradução de Paulo Neves). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>34</sup> ENKE, op. cit.

<sup>35</sup> FLORES, Hilda Hübner (Org.). *Turismo no Rio Grande do Sul*. 50 anos de pioneirismo no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

<sup>36</sup> Idem.

*Excursão à Mangueira* No domingo haverá trem de excursão directo d'esta cidade á praia de banhos na Mangueira, partindo ás 6 ½ horas da manhã e regressando ás 8 ½ da noite. A passagem de ida e volta custará 3\$000.<sup>37</sup>

De maneira geral, começa a se organizar um comércio em torno do lazer e do turismo. As localidades preparavam-se para receber os excursionistas, montando uma estrutura para recebê-los, ampliando, desse modo, as condições de lazer e sociabilidade desses espaços. Também percebe-se a importância que era dada aos excursionistas, pois havia uma mobilização da população local para recebê-los.

*Excursionistas* Ás 2h e 20 da tarde de domingo, chegou a esta cidade o trem de excursão de Bagé, conduzindo os excursionistas para a Kermesse da Biblioteca d'esta cidade. Vieram como setenta pessoas inclusive distictissimas famílias daquela sociedade. Á estação aguardava os excursionistas, muito povo. Foi animadíssima a recepção dos ilustres hospedes, a quem d'estas columnas, temos o prazer de saudar.<sup>38</sup>

Em Rio Grande, as viagens eram organizadas basicamente para o Balneário Villa Sequeira. Além de usufruir do banho de mar, os excursionistas tinham a disposição outras formas de lazer e entretenimento como passeios de charretes, apreciação da praia através das varandas dos camarotes, as corridas a cavalo, os bailes, os concertos, as *matinéés* e *soirées* e diversos jogos<sup>39</sup>. Assim, o balneário não era procurado unicamente com fins terapêuticos, mas como um local de lazer que oferecia uma infinidade de distrações.

As cidades Pelotas ou Bagé recebiam excursionistas para participar de eventos específicos, como festas religiosas (festa do Espírito Santo em Bagé<sup>40</sup>), cívicas (festejos da Proclamação da República em Pelotas<sup>41</sup>) e pagãs (Carnaval<sup>42</sup>); atividades esportivas, como as corridas realizadas pelo Derby Club<sup>43</sup>.

Um dos destinos mais frequentes era o Capão do Leão, onde, próximo à estação foi contruído o Bosque/Hotel Benjamin. Este local foi planejado basicamente para receber os excursionistas. Para tal, o proprietário proporcionou diversos serviços, como o traslado da Estação de trem ao hotel; a alimentação; e, diversas atividades recreativas, como passeios, bailes e jogos.

<sup>37</sup> Correio Mercantil, 29.01.1891, p. 2.

<sup>38</sup> Correio Mercantil, 18.10.1887, p. 2.

<sup>39</sup> ENKE, op cit.

<sup>40</sup> Diário de Pelotas, 27.12.1885, p. 2.

<sup>41</sup> Correio Mercantil, 14.11.1890, p. 2.

<sup>42</sup> Diário Popular, 26.02.1892, p. 3.

<sup>43</sup> Diário Popular, 01.11.1892, p. 2.



O proprietário d'este acreditado e bem conhecido estabelecimento, resolveu proporcionar aos Srs. Passageiros dos trens de recreio, todas as commodidades possíveis afim de tornar agradáveis as horas felizes e ditosas que só n'este pitoresco lugar é dado fruir aquelles que dotados de bom gosto procuram o agreste campo, onde se reúne o bom com o agradável. Ali encontrarão magestosas sombras, excellentes banhos, salões para baile com a competente harmoniosa orchestra, habilmente dirigida por um dos maestros da banda União, e, a par de tudo isto, outras tantas regalias que difficil seria enumerar. Há também com todo o esmero e promptidão, á hora da chegada e partida dos trens, carros e cavallos para transportar grátis os illustres visitantes ao hotel, onde lhes será servido com a excellencia cálida aos empregados d'este estabelecimento, um succulento almoço, com todas as regalias do bom e do sublime, por preços módicos. Ao Hotel Benjamin no Capão do Leão.<sup>44</sup>

AU PITTURESQUE !BOSQUE – BENJAMIN! No Capão do Leão [...], situado nas margens do arroio do Capão do Leão, distancia 7 quadras da estação, que, dotado de ricas sombras, magníficos passeios guarnecidos de elegantes bancos: caramanchões ornados de mezas caprichosamente enfeitados, grutas que extasiam o gênio mais exigente, apresentam o que há de mais pitoresco nas saudosas campinas do sul. Delineado pelo melhor gosto, efectuar-se-á a 13 do corrente a inauguração, para o que se observará o seguinte programma: A's 6 ½ da manhã partirá desta cidade o trem da excursão, transportando ao bosque os distinctos clubes recreativos, representantes da imprensa local, dignos convidados e mais excursionistas, acompanhados da banda musical União, que, executando várias peças de seu repertório, tornará ainda mais imponente o acto. Após o primeiro silvo da locomotiva o incansável Carlitos, ex-empregado do Hotel Brazil, correrá a ponte – Bernardo Souza – saudando seus illustres convivas, dando por este modo entrada no bosque; apreciando-se a imponência do morro D. Pedro II, os lindos chalets denominados – A Republica e a Monarchia; as chiquíssimas grutas, consagradas a – Stanley, Serpa Pinto, Ivens, Capello, Servantes, Dante, Victor Hugo, Bismark, Camões, Nagôs, Girondinos, á Imprensa, Rio Branco, Princesa do Sul, ao bello sexo, - notando-se no centro deste quadro magestoso, o asseiado restaurante Carlitos a transbordar de bons vinhos, apetitosos fiambres, succulenta cerveja, magníficos manjares e licores finíssimos. Também se encontra o tiro ao alvo, o jogo da bolla, assim como as corridas de cavallos. O indispensável assado com couro também aparecerá em scena aos cuidados do intelligente assador – João Benjamin. Ora, tudo isso banhado pelo travesso Capão do Leão, é mais que attrahente, é esplendorosissimo. Entrada gratis. Ao Pittoresco Bosque! Ao bom, ao sublime! O administrador, Carlos Grindler.<sup>45</sup>

Em Piratini, junto à Estação existia, inicialmente, o Restaurant-Bufferet para receber os excursionistas, que oferecia somente serviços de alimentação. Dois anos depois foi ampliado, agregando atividades de hospedagem e de lazer, principalmente banhos, pois se localizava junto ao Rio Piratini.

EXCURSÃO A PIRATINY Domingo, 27 do corrente Inauguração do Restaurant Bufferet do muito conhecido Carlos Scott. N'esta Estação, certamente a mais aprazível e pittoresca de toda a linha da Estrada de Ferro, com lindíssimos arredores, banhada pelo magestoso Rio Piratiny e com uma magnífica ponte metálica, encontrando os Srs. excursionistas e Exmas. famílias um bem montado e confortável RESTAURANT BUFFET,

<sup>44</sup> Correio Mercantil, 24.10.1885, p. 3.

<sup>45</sup> Diário de Pelotas, 11.12.1885, p. 03, n. 279.

recomendável pela diversidade de iguarias, variedade de líquidos, e pelo esmero e asseio no serviço. Preço: Almoço ou jantar com vinho – 2:000 Líquidos, Doce, Frutas, && preços módicos e de tabellas.<sup>46</sup>

*RECREIO CAMPESTRE DOS EXCURSIONISTAS* No dia 1º abriu-se junto a Estação Piratiny, com bons matos, banhos, etc. tem cômodos para viajantes e superiores quartos mobiliados para alugar a famílias que quizerem passar o verão, com boas comidas a preços rasoáveis, sob a direcção de Albertino dos Santos. (C.M., 05.10.1887, p. 3)

No Passo das Pedras existia o sanatório Passo das Pedras que também possibilitava a hospedagem para o veraneio, bem como, várias atividades de lazer, como banhos, passeios e jogos, possibilitando, assim, períodos de sociação e entretenimento.

*Ao SANATORIO Passo das Pedras* Domingo 25 do corrente Inauguração deste grande e esplêndido estabelecimento, situado na estação da estrada de ferro a 1 hora de Pelotas, com grande casaria, commodos para famílias veranear, restaurante sob a direcção do arrendatário Innocencio Mendes, bellos jardins, vasta quinta, banhos de rio, água vertente, potreiro para animaes, prado e cancha para corridas, caça e pesca. AVISO O Restaurante completamente fornecido dos attrativos do estômago serve pelo módico preço de Almoço 1\$500 – Jantar 1\$500 e extraordinarios pagos em separado pelo preço da cidade. Cavallos e jardineiras para passeio de matto e campo. (C.M., 23.11.1900, p. 4).

Em Cerro Chato, os excursionistas somente passavam pela estação e algumas vezes paravam para um almoço. Eles não permaneciam muito tempo, pois a localidade não possuía atrativos.

*ESTRADA DE FERRO* Southern Brazilian Rio Grande do Sul GRANDE FESTA EM BAGE No dia 25 do corrente DIA DE NATAL Haverá um trem de excursão de 1ª classe para Bagé. Que partira do Rio Grande as 7 h. de Pelotas as 8, 35 e chegara a Bagé as 5,25 [...] Em Cerro-Chato haverá uma demora de meia hora para os Srs. passageiros que quizerem almoçar. – No dia do Natal não haverá nenhum outro trem alem d'este trem de excursão. Rio Grande, 15 de dezembro de 1885. Augusto Duprat, irector geral.<sup>47</sup>

Essas localidade representavam novas possibilidades de sociabilidade da sociedade pelotense e das cidades vizinhas, pois ofereciam uma infra-estrutura apropriada para recepcionar os visitantes, proporcionando a interação visitante/visitado, através de almoços, festas, jogos, passeios campestres e atividades à beira mar.

As excursões intensificaram-se após a construção da ferrovia, o que gerou um fluxo maior de passageiros e um aumento de serviços a eles associados, tais como alimentação, hospedagem, lazer e diversão. Em função dessa intensificação das viagens e da importância das mesmas enquanto espaços de sociabilidade, fundou-se em 1892,

<sup>46</sup> Diário de Pelotas, 24.12.1885, p.3, n. 290.

<sup>47</sup> Diário de Pelotas, 16.12.1885, p. 3.

em Pelotas, o Club de excursionistas, “uma sociedade destinada a promover passeios fora da cidade”.<sup>48</sup>

Os autores Agulhon, Simmel e Baechler consideram as associações uma forma privilegiada de sociabilidade. Para Baechler<sup>49</sup>, a sociabilidade pode traduzir-se em agrupamentos formais e organizados, cuja finalidade própria é a de propor a seus membros espaços sociais onde possam alcançar determinados objetivos específicos, podendo ser o principal deles, o prazer de estar juntos.

Evidencia-se assim, que as excursões enquanto uma forma de sociabilidade, possibilitam uma interação social presente no cotidiano dessas viagens, através do encontro de pessoas que proporcionam momentos de lazer, animação, descanso e de contemplação da natureza.

### Referências Bibliográficas

- AGULHON, Maurice. *Le cercle dans la France bourgeoise 1810-1848*. Cahier des Annales. Paris, Armand Colin, n. 36, 1977.
- BAECHLER, Jean. Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, Raymond (Org.). *Tratado de Sociologia*. (Tradução de Teresa Curvelo). Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- BARBOSA, Ycarim Melgaço. *História das Viagens e do Turismo*. São Paulo: Aleph, 2002. (Coleção ABC do Turismo).
- BARRETTO, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. 11 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- CASTELBRANCO, Basílio de. (Apresentador). *Diccionario Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881.
- CORBIN, Alain. *O Território do Vazio*. A praia e o imaginário ocidental. (Tradução de Paulo Neves). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ENKE, Rebecca Guimarães. *Balneário Villa Sequeira*. A invenção de um novo lazer (1890 – 1905). 2005. 146 f. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, UNISINOS, São Leopoldo.
- FLORES, Hilda Hübner (Org.). *Turismo no Rio Grande do Sul*. 50 anos de pioneirismo no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.
- LONER, Beatriz Ana. *Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937*. Volume 1. 1999. 727 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- PELLISSIER, Catherine. *Loisirs et sociabilités des notables au XIXe siècle*. Tome 1. Lyon: Éditions Lyonnaises D’Art et D’Histoire, Presses Universitaires de Lyon, 1996.
- SEIDLER, Carl. *Dez Anos de Brasil*. (Tradução de Bertoldo Klinger) 3.ed. São Paulo: Livraria Martins, 1976.
- SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Língua Portuguesa composto por Antonio de Moraes Silva*. Tomo III. 4.ed. Lisboa: Imprensa Régia. Anno 1831.

<sup>48</sup> Correio Mercantil, 16.03.1892, p.1.

<sup>49</sup> BAECHLER, Jean. Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, Raymond (Org.). *Tratado de Sociologia*. (Tradução de Teresa Curvelo). Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 82.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou forma. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). *Georg Simmel*. (Tradução de Dinah de Abreu Azevedo). São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 34).  
SOLHA, Karina Toledo. Evolução do Turismo no Brasil. In: REJOWSKI, Mirian (org.) *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002, p. 117 - 153.

### **Jornais**

Correio Mercantil, 05.10.1887, p. 3.  
Correio Mercantil, 12.11.1878, p. 01, n. 254.  
Correio Mercantil, 14.09.1879, p. 2, n. 211.  
Correio Mercantil, 14.11.1890, p. 2.  
Correio Mercantil, 16.03.1892, p.1.  
Correio Mercantil, 18.10.1887, p. 2.  
Correio Mercantil, 19.11.1878, p. 01, n. 260.  
Correio Mercantil, 23.11.1900, p. 4.  
Correio Mercantil, 24.10.1885, p. 3.  
Correio Mercantil, 25.12.1878, p. 03, n. 289.  
Correio Mercantil, 29.01.1891, p. 2.  
Diário de Pelotas, 08.04.1886, p. 1.  
Diário de Pelotas, 11.12.1885, p. 03, n. 279.  
Diário de Pelotas, 12.12.1885, p. 2, n. 280.  
Diário de Pelotas, 16.12.1885, p. 3.  
Diário de Pelotas, 24.12.1885, p.3, n. 290.  
Diário de Pelotas, 25.12.1885, p. 2, n. 291.  
Diário de Pelotas, 27.12.1885, p. 2, n. 292.  
Diário de Pelotas, 27.12.1885, p. 2.  
Diário Popular, 01.11.1892, p. 2.  
Diário Popular, 26.02.1892, p. 3.